



Simon exaltou em seu discurso a "revolução ética e de princípios" que tomou conta do país e disse que chegou a hora de apontar os corruptores

Simon critica omissão do Congresso

■ Senador cobra mudança de atitude e diz que todos são responsáveis por escândalos

BRASÍLIA — Em discurso feito ontem na tribuna do Senado, o líder do governo, senador Pedro Simon (PMDB-RS), cobrou uma "mudança de procedimento" do Congresso diante das irregularidades levantadas pela CPI do Orçamento, que segundo ele evidenciam a omissão do Legislativo. Simon, que consultou o presidente Itamar Franco antes de fazer o discurso, afirmou que todos os parlamentares, por ação ou omissão, são co-responsáveis diante dos escândalos que eram praticados na Comissão do Orçamento.

"Aquilo era um escândalo, mas que bate na porta de cada um de nós. Se aquilo aconteceu foi porque, pela ação ou omissão, participamos. Eu e cada um de nós, ainda que pela omissão, vimos aqueles fatos crescerem e se avolumarem, e elas aconteceram", apontou Simon. "O que aconteceu na Comissão de Orçamento está a nos demonstrar que, mais do que cumprimos a nossa parte, somos responsáveis pelo conjunto da sociedade. E se alguém não está fazendo o que deve, e se alguém está cometendo um ilícito, e se eu fico quieto, sou co-responsável, ainda que por omissão", afirmou.

Participação — Simon defendeu sua proposta de um orçamento participativo: Executivo e Congresso discutiriam o orçamento, mas

em cada estado um grande conselho determinaria onde as verbas seriam aplicadas e fiscalizaria a execução dos projetos. "Se vamos terminar com aquela comissão escandalosa do Orçamento, não é para voltar ao que era antes da nova comissão", ressaltou Simon, lembrando que no regime militar o Congresso não podia apresentar emendas à proposta do Executivo. "Daqui em diante vamos entender que seremos co-responsáveis na busca dos ditames do novo parlamento", emendou. Simon criticou os parlamentares que na apresentação de emendas ao Orçamento só pensam em seus estados e se esquecem do país. "Nós temos aqui no Congresso gente que defende o município com garra, gente que defende o estado com garra, gente que defende o que for. O que tem faltado é gente que defenda o país, a nação, o Tesouro, o patrimônio público, porque parece que o patrimônio público é coisa nossa", disse.

Por cima — "Por que o povo, o operário, o agricultor, a dona de casa, devem pensar em ter espírito público se o conjunto da sociedade não tem? Seria necessário começar por cima", defendeu o senador. "Nós vamos mudar", garantiu ele. Simon considerou bastante positiva a reunião, ocorrida na terça-feira, entre os presidentes de todos os

partidos políticos, apesar de "candidaturas à Presidência da República estarem nas ruas". "A ninguém interessa que o país não chegue ao final do governo do senhor Itamar e que não se busque uma fórmula através da qual se saia da crise em que se está vivendo", afirmou o senador. "Não há ninguém que não esteja lutando para que o senhor Itamar dê certo, para que as eleições do ano que vem transcorram tranquilas", completou Simon, uma das pessoas mais próximas do presidente Itamar Franco.

Classificando o Congresso como "parlamento do Primeiro Mundo", Simon guardou rasgados elogios para a CPI do Orçamento. "Era mais até do que a própria instituição, porque não é apenas o debate, não é apenas a radiografia, não é apenas o desnudamento do Congresso Nacional. É o Brasil que olhando-se e espelhando-se no Congresso, está esperando a resposta", afirmou o senador. "A CPI não é o julgamento final, nós não estamos diante do criador. A CPI não é a solução definitiva, é apenas um marco. O que vale à CPI é a coragem da ação e a coragem da decisão. O que importa é o ato político, o gesto, a ação, a decisão do Congresso em criar a comissão, em ter a grandeza que muitos não imaginavam, em ter a isenção que muitos sequer aceitavam", disse.

Corruptores — Para o senador, a CPI entra agora em outra etapa: a caça aos corruptores. "Não adianta mudar o funcionário, nem mudar o político, porque a empresa continua", recomendou. Ele lembrou que, depois do início da CPI do Orçamento, as novas obras públicas contratadas tem saído pela metade do preço.

Simon lembrou a campanha que levou o ex-presidente Fernando Collor à Presidência da República, tendo como lema justamente o fim da impunidade e o combate à corrupção, e comparou a campanha de rua dos caras-pintadas, no ano passado, com os movimentos populares de 1954 e 1964. "Hoje é diferente", afirmou Simon. "Hoje não é o PMDB, não é o PDT, não é o PT, nem o PSDB, nem o PFL, nem o PPR, nem o PC, não é o senhor Itamar Franco, não é o Congresso Nacional, não é a imprensa, não são os presidenciáveis, não somos nós", disse. Segundo o senador, o país vive uma "verdadeira revolução ética e de princípio", inédita em sua história. No final do discurso, Simon pediu "uma justiça mais ágil, que atinja o rico e não apenas o miserável" e admitiu que para mudar a economia "não precisa ser a fórmula de Fernando Henrique", mas qualquer proposta que permita zerar o déficit público.